

Banco de tecidos do HC deve dobrar atendimento em 2009

O banco de tecidos do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas (HC) de São Paulo - o maior do País na especialidade músculo-esquelética - deve dobrar sua capacidade de atendimento neste ano. Mas a fila de espera para cirurgias de alta complexidade, hoje em torno de 350 pacientes, não deve diminuir em razão da falta de próteses especiais necessárias para a realização desses procedimentos.

"Atendemos cerca de 50 casos de alta complexidade por ano. O banco tem capacidade para triplicar o número, mas faltam as próteses. Os recursos do SUS são insuficientes", diz o coordenador da unidade, Alberto Croci. Como resultado, o tempo de espera por uma cirurgia chega a oito anos. O banco do HC realiza a captação e o processamento de ossos, tendões e faces (tecido que recobre o músculo), material usado em cirurgias de reconstrução da área ortopédica e odontológica. Graças à reforma feita em 2008, o banco poderá atender 2,4 mil pacientes por ano. Em 2008, foram 1.110.

Uma das novidades é uma sala de cirurgia que permite retirar tecidos

de um doador que morreu de parada cardíaca. "Isso permitirá aumentar cinco vezes o número de captações", diz Croci. Hoje são feitas apenas duas por mês. Além do rigoroso processo de triagem de doadores, há muito preconceito da população em relação à doação de tecidos. "Os familiares ficam apreensivos quanto ao estado em que o corpo será entregue, mas não tiramos material de partes visíveis."

Segundo o médico, há somente seis bancos do tipo no País e alguns não funcionam. "Aqui no HC recebemos pacientes de todos os Estados e acreditamos que essa demanda ainda é subestimada. Deve haver milhares de pessoas em uma cadeira de rodas ou presas a uma cama que poderiam se beneficiar", diz. Esse poderia ter sido caso do representante comercial Rubens Martins, que sofre de artrite e aos 17 anos precisou colocar uma prótese de quadril. "Fiquei com ela por 17 anos, mas por causa de uma infecção tive de trocá-la", conta. Após seis anos na fila, conseguiu realizar a cirurgia em 2006. "Só conseguia me locomover de cadeira de rodas. Hoje faço caminhada, natação e hidroginástica."(AE)